



••• EXTERIOR

Cidadão do mundo

TER UM DIPLOMA INTERNACIONAL PODE SER UM GRANDE ALIADO PARA AVANÇAR NA CARREIRA, MAS EXIGE PLANEJAMENTO. VEJA O PASSO A PASSO PARA CHEGAR LÁ

POR BÁRBARA NÓR

Lucas Mendes, de 33 anos passou por um momento de reavaliação da carreira há três anos. Com experiência em consultorias e bancos de investimento, ele queria dar o próximo passo na vida profissional. Sua maior vontade era empreender em tecnologia e, ao pesquisar as alternativas, se apaixonou pela escola de Stanford, nos Estados Unidos, onde decidiu fazer um MBA. “Ela fica no meio do Vale do Silício e tinha tudo a ver com o que eu queria.” Hoje no Brasil, em São Paulo, ele toca a Contratar.me, startup para contratações de executivos que ele começou enquanto estava no curso.

Como Lucas, muitos profissionais

em momentos decisivos na carreira resolvem estudar fora do Brasil. Só nos Estados Unidos, por exemplo, o número de brasileiros aprovados em universidades cresceu 35% em 2015, de acordo com levantamento da Apply Brasil, empresa que auxilia no processo de inscrição. “Estudar no exterior é fazer parte de uma comunidade global, porque a sala de aula é uma janela para o mercado de várias partes do mundo”, diz Ana Beatriz Faulhaber, diretora executiva da Cp4, consultoria de cursos no exterior, no Rio de Janeiro.

Com as empresas buscando cada vez mais pessoas com jogo de cintura para lidar com um ambiente multicultural, ter um diploma internacional pode ajudar. “Sem dúvida, ter isso no currículo é muito valorizado”,

diz Raphael Falcão, da Hays, consultoria de recrutamento, em São Paulo. “Ele indica que o profissional tem fluência em outro idioma, networking internacional e qualificação”, diz. Mas estudar fora ainda desperta muitas dúvidas.

Primeiras escolhas

“Primeiro, defina o tipo de programa, se é MBA, mestrado ou uma especialização”, diz Daiana Stolf, da Top MBA, consultoria em São Paulo. Para ela, é preciso refletir sobre o que faz sentido na carreira e o que se está buscando nessa experiência para valer a pena. Afinal, esse é um investimento não só financeiro mas também de tempo. “Um mestrado ou doutorado fora significa dois anos em média afastado do mercado”, afirma



Universidade de Stanford (EUA): o número de brasileiros que estudam no exterior cresceu 35% em 2015

Prepare-se financeiramente

O ideal é começar a juntar dinheiro o quanto antes. Mas existem alternativas que ajudam a complementar a renda

• **Gasto médio** (incluindo custo de vida): *pode variar entre 80 000 e 220 000 dólares, dependendo da escola e da cidade.*

• **Bolsas:** *no Brasil, as principais instituições que oferecem são a Fundação Estudar e a Fundação Ling. Em ambas, é necessário já ter sido aprovado na escola do outro país. As escolas também têm programas de bolsas, concedidas por necessidade, por mérito ou para grupos específicos, como minorias. Algumas empresas também financiam seus profissionais mais promissores, por isso, vale conversar com seu chefe e com o RH.*

• **Empréstimos:** *as escolas têm parceria com bancos para empréstimos aos alunos, que são pagos em 20 a 25 anos com juros reduzidos. Considere o risco de a flutuação cambial tornar o pagamento mais caro.*

FONTES: RICARDO BETTI, ANA BEATRIZ FAULHABER E DAIANA STOLF

Luís Cabaña, diretor-geral da Univercia Brasil, organização dedicada a intercâmbios e cursos no exterior.

E há diferenças entre os cursos oferecidos. O MBA lá fora é um mestrado em administração, de tempo integral, que exige pelo menos dois anos de experiência profissional (sem contar estágios) e que dura dois anos. Já no Brasil, é uma especialização, com menor carga horária. Os demais tipos de mestrado são mais teóricos e envolvem pesquisa. Por isso, quem não quer seguir carreira acadêmica precisa antes avaliar como ele poderia ajudar no trabalho. Um exemplo de profissionais que se beneficiam com essa formação são os de carreiras técnicas, que precisam de atualização e aprofundamento. “Converse com pessoas no mercado e pesquise

na internet para ter uma dimensão prática de como é o curso”, diz Ricardo Betti, cofundador da MBA Empresarial, consultoria especializada, em São Paulo.

O próximo passo é escolher as escolas. Isso envolve pensar em onde elas ficam. “Refleta sobre a cultura, o clima e o custo de vida”, diz Ana Beatriz. Como a experiência é de longo prazo, a identificação com o lugar é muito importante.

Os rankings mundiais que classificam as melhores escolas no mundo são uma boa maneira de fazer a primeira seleção. Revistas internacionais como *The Economist*, *Financial Times* e *Forbes* realizam regularmente seus rankings, além do organismo QW,

que publica anualmente listas por tipo de curso e região. Mas tão importante quanto a colocação das instituições é quanto cada escola combina com seu perfil. A paulistana Samantha Albuquerque, que em 2009 fez um MBA na Ross School, nos Estados Unidos, conta que, antes de decidir, listou dez escolas. “Sou formada em engenharia e queria fazer uma transição para o marketing”, diz Samantha, hoje gerente sênior de marketing na Johnson & Johnson, multinacional de bens de consumo. Ela conversou com ex-alunos, viu quais instituições eram destaque em marketing e quais tinham um ambiente colaborativo. Isso porque as escolas têm diferentes métodos: algumas trabalham mais com estudos de caso e discussões de grupo, en-



Samantha Albuquerque, gerente sênior da Johnson & Johnson, em São Paulo: MBA nos Estados Unidos a ajudou a ampliar sua visão de mundo

quanto outras dedicam mais espaço a aulas expositivas e palestras. Tudo isso conta na decisão. “Veja quanto você compartilha dos valores daquela escola e se você se sente à vontade com os ex-alunos”, diz Samantha.

A candidatura

Essas primeiras decisões devem acontecer cerca de um ano e meio antes de sair do país. Isso porque candidatar-se para esses cursos exige muito preparo. Normalmente, as escolas americanas têm cerca de três ciclos de inscrições ao ano, enquanto as europeias podem ter até cinco, em datas variadas. “Recomendamos não se candidatar no último ciclo, porque é quando as escolas são mais exigentes”, diz Daiana. Há a questão do planejamento financeiro, que deve

ser feito com antecedência. “Preveja um orçamento mensal, com o custo do curso e da acomodação”, diz Ricardo. Calcule quanto você já gasta no Brasil (sem deixar de lado roupas, saídas de fins de semana e cursos extras) para ter uma ideia do impacto que o curso terá nas suas finanças. As cidades menores costumam ter custo de vida mais barato, e alguns países têm a vantagem do câmbio mais favorável. A média é de 120 000 dólares para dois anos. Mas há alternativas para aliviar a carteira.

Uma delas são as bolsas disponíveis tanto no Brasil quanto nas próprias escolas. A Fundação Estudar, por exemplo, oferece cerca de 25 bolsas por ano para brasileiros. Para

se candidatar, o aluno precisa já ter sido aprovado na escola. “Vemos o potencial de liderança, o histórico de realização e quanto a pessoa se destacou na vida dela”, diz Tiago Mitraud, diretor executivo da Fundação Estudar. O instituto Ling é outro que dá bolsas para brasileiros estudarem no exterior, também para alunos aprovados. Já as escolas costumam ter bolsas com critérios socioeconômicos, por mérito e para minorias. O candidato concorre a elas na fase de inscrição.

Há também os financiamentos oferecidos pelas escolas. “Normalmente elas têm bancos parceiros e dão empréstimos com juros relativamente baixos”, diz Ricardo. E, finalmente, para quem planeja continuar na mesma área de trabalho, vale con-